

**O TEXTO E O AUTOR:  
QUESTÕES DE AUTORIA NO PROCESSO CRIATIVO  
DE ALEILTON FONSECA EM *NHÔ GUIMARÃES***

*Adna Evangelista Couto dos Santos* (UFBA)  
[adnacouto@gmail.com](mailto:adnacouto@gmail.com)

*Silvia La Regina* (UFBA/UFESB)  
[silvialaregina@gmail.com](mailto:silvialaregina@gmail.com)

**RESUMO**

O autor pode ser definido como o ser que se apodera e manipula intencionalmente a linguagem para atingir seus objetivos com o texto. No entanto, esse poder de manipulação não o transforma numa voz soberana e única no texto, outras vozes dialogam do processo de escritura: as leituras que fez, as vivências, o que ouviu, o que viu, e também os registros críticos que podem aparecer nos manuscritos de uma obra. Todos esses aspectos corroboram no compartilhamento da função autor. Objetiva-se através deste trabalho, discutir questões de autoria na contemporaneidade através do estudo crítico do processo criativo de Aleilton Fonseca, em *Nhô Guimarães*.

**Palavras-chave:** Texto. Autor. Autoria. Processo criativo.

**1. Considerações iniciais**

O autor pode ser definido como o ser que se apodera e manipula intencionalmente a linguagem para atingir seus objetivos com o texto. No entanto, esse poder de manipulação não o transforma numa voz soberana e única no texto, outras vozes dialogam do processo de escritura: as leituras feitas, as vivências, o que ouviu, o que viu, e também os registros críticos que podem aparecer nos manuscritos de uma obra. Todos esses aspectos corroboram no compartilhamento da função autor. Objetiva-se através deste trabalho, discutir questões de autoria na contemporaneidade através do estudo crítico do processo criativo de Aleilton Fonseca, em *Nhô Guimarães*.

**2. Aleilton Fonseca: o autor**

Aleilton (Santana da) Fonseca nasceu em Itamirim, hoje Firmino Alves - Bahia, em 21 de julho de 1959. É casado com a Profa. Dra. Rosana Ribeiro Patrício e tem dois filhos, Diogo e Raul Fonseca. É poeta, ficcionista, ensaísta e professor universitário. Em 1963, sua família se fixou em Ilhéus-Bahia, onde o escritor viveu a infância e a adolescência,

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

curso até o primeiro ano do segundo grau, escreveu e publicou seus primeiros textos em jornais.

Em 1977, ingressou na Escola Média de Agropecuária Regional da Ceplac (EMARC), na cidade de Uruçuca – Bahia, onde se formou em Técnico Agrimensor. Atualmente, essa escola é um Instituto Federal de Educação. Ingressa no curso de letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1979 e se transfere para Salvador, que adota como seu ambiente de formação cultural. Organiza seu primeiro livro de poemas, que recebe Menção Honrosa no Concurso Prêmios Literários da Universidade Federal da Bahia – 1980 e é, logo depois, selecionado para abrir a série de poesia da Coleção dos Novos da Fundação Cultural do Estado da Bahia, que publicou 14 novos autores baianos no início da década de 1980 e fixou o perfil da Geração 80 no estado.

Em 1981 publica o seu primeiro livro, *Movimento de Sondagem* (Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981) que recebeu, entre outros, a atenção de Carlos Drummond de Andrade, que lhe escreveu uma carta de incentivo e de Rubem Braga, que publicou dois de seus poemas na coluna “A Poesia é Necessária”, na *Revista Nacional*, semanário que circulava encartado nos principais jornais das capitais. No ano de 1984, atua como professor no curso de letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), transferindo-se para a cidade de Vitória da Conquista, e ainda neste mesmo ano publica o livro de poemas *O Espelho da Consciência* (1984).

Em 1988, ingressa no mestrado em letras, na Universidade Federal da Paraíba. Fixa-se com a família em João Pessoa. Em 1990 retorna às atividades na UESB, trabalhando no curso de letras. Em 1992 defende a dissertação de mestrado sobre música e literatura romântica, que foi publicada em livro no ano de 1996, pela editora 7Letras, do Rio de Janeiro, com o título: *Enredo Romântico, Música ao Fundo: Manifestações Lúdico-Musicais no Romance Urbano do Romantismo*.

Em 1993 ingressa no doutorado em literatura brasileira, na Universidade de São Paulo, fixando-se com a família na capital paulista. Após a publicação do livro *O Espelho da Consciência* (1984), Aleilton Fonseca só volta a publicar em 1994, em edição artesanal, o metapoema *Teoria Particular (Mas Nem Tanto) do Poema*.

Em 1997 conclui o doutorado na Universidade de São Paulo (USP), com a defesa da tese intitulada: A poesia da cidade: imagens urbanas em Mário de Andrade. Em 1998, funda, em parceria com Carlos

Ribeiro e outros escritores, *Irarana – Revista de Arte, Crítica e Literatura*, periódico de divulgação da Geração 80.

No ano de 1999, transfere-se para a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), integrando-se ao grupo fundador do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural (PPGLDC). Em 2001 publica o livro de contos *O Desterro dos Mortos*, que posteriormente teve a 2ª edição publicada em 2010 pela Editora Via Litterarum, uma 3ª edição em 2012 e ainda uma 4ª edição publicada neste ano (2016). Em 2003 leciona, como professor convidado, na Universidade de Artois (França). Neste ano e nos seguintes faz palestras nas universidades: Sorbonne Nouvelle, Nanterre, Artois, Rennes, Toulouse Le Mirail (França) e ELTE (Budapeste).

Ainda em 2003, recebeu o Prêmio Nacional Herberto Sales – Contos, da Academia de Letras da Bahia, com o livro *O Canto de Alvorada*, publicado neste mesmo ano, com 2ª edição em 2004, pela editora José Olympio.

Em 2005 coorganiza (com o escritor Cyro de Mattos) o livro *O Triunfo de Sosígenes Costa: Estudos, Depoimentos, Antologia* (Ilhéus: Editus; Feira de Santana: UEFS Editora, 2005), que recebeu o Prêmio Marcos Almir Madeira 2005, da União Brasileira de Escritores-Rio de Janeiro. Em 2006, publicou poemas em francês, traduzidos por Dominique Stoenesco, na edição especial da revista *Autre Sud*, de Marselha/França, no dossiê poético *Voix croisées Brésil-France*. É também correspondente da revista francesa *Latitudes: cahiers lusophones*. Publica também em 2006, *Nhô Guimarães*, pela editora Bertrand Brasil. O romance relata a vida de uma senhora com idade avançada, uma mulher simples, do interior, que conta histórias que vivenciou ou ouviu de outras pessoas. O escritor cria essa narradora do cotidiano, simples e experiente ao mesmo tempo. Ainda em 2006, participa do dossiê bilíngue de poesia português/francês da revista *Irarana*, n. 11.

Em 2008, o escritor publicou o livro *Les marques du feu et autres nouvelles de Bahia*,<sup>11</sup> em Paris, pela editora Lanore, que foi traduzido pelo jornalista Dominique Stoenesco. Em 2009 completou 50 anos e foi homenageado pelo Lycée des Arènes, em Toulouse-França, com uma exposição de trabalhos de alunos do ensino médio, orientados pela Profa. Brigitte Thierion, sobre seu livro *O Canto de Alvorada*. Na Bahia foi

---

<sup>11</sup> Em português: "As marcas de fogo e outras novelas da Bahia".

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

homenageado pelo Instituto de Letras – UFBA, através de um seminário sobre sua obra intitulado: "Trajetória Criativa: 50 anos de Aleilton Fonseca". Essa homenagem foi uma atividade que fez parte do projeto de pesquisa "Migrações: o Escritor e Seus Múltiplos", do qual Aleilton Fonseca é um dos escritores estudados. Ainda neste mesmo ano (2009) foi também homenageado pela Academia de Letras da Bahia e seu romance *Nhô Guimarães* foi transformado na peça de teatro: "Nhô Guimarães", protagonizada pela atriz Deusi Magalhães e dirigida por Edmilson Mota, os quais fizeram a adaptação.

Também em 2009, Aleilton Fonseca organizou juntamente com a Dra. Rosana Patrício Patricio, e professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), um livro intitulado *Cantos e Recantos da Cidade: Vozes do Lirismo Urbano*, composto de seis ensaios produzidos por mestrandos do Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural (PPgLDC-UEFS). A editora *Via Litterarum* foi responsável pela publicação. No ano seguinte (2010), também pela *Via Litterarum*, publicou *A Mulher dos Sonhos e Outras Histórias de Amor* e a segunda edição de *O Desterro dos Mortos*.

Foi coordenador do curso de mestrado no Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), de 2008 a 2012.

Em 2013, recebeu o título de Professor de Honra, da Uninorte, em Assunção, Paraguai. Em 2014, recebeu a Medalha Camões (Núcleo de Artes de Lisboa) e o Troféu Carlos Drummond de Andrade e também recebeu a Comenda do Mérito Cultural, do Governo do Estado da Bahia.

Sua obra, de forma geral, abrange livros de poesia, ensaios, contos e romances. A seguir a relação dessas obras:

1. *Movimento de sondagem*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981. "Coleção dos Novos, vol. 2 – série Poesia".
2. *O espelho da consciência*. Salvador: Gráfica da UFBA, 1984.
3. *Teoria particular (mas nem tanto) do poema — ou poética feita em casa*. São Paulo: Edições D’Kaza, 1994.
4. *Enredo romântico, música ao fundo*. (Ensaio) Rio de Janeiro: 7 Letras, 1996.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

5. *Oitenta: poesia e prosa*. Coletânea comemorativa dos 15 anos da “Coleção dos Novos”. Salvador: BDA-Bahia, 1996. (Organizado por: Aleilton Fonseca e Carlos Ribeiro)
6. *Jaú dos bois e outros contos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
7. *Rotas e imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana: UEFS/PPGLDC, 2000. (Organizado por: Aleilton Fonseca e Rubens Alves Pereira)
8. *O desterro dos mortos*. (Contos). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
9. *O canto de Alvorada*. (Contos). Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
10. *O triunfo de Sosígenes Costa: estudos, depoimentos, antologia*. Ilhéus: Editus, 2004. (Organizado por: Cyro de Mattos e Aleilton Fonseca).
11. *As formas do barro & outros poemas*. Salvador: EPP, 2006.
12. *Nhô Guimarães*. (Romance). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
13. *Todas as casas*. (Contos, livro coletivo). Salvador: EPP, 2007.
14. *Les marques du feu et autres nouvelles de Bahia*. Paris: Lanore, 2008. (Tradução de Dominique Stoenesco).
15. *Guimarães Rosa, écrivain brésilien centenaire*. Bruxelas: Librairie Orfeu, 2008.
16. *O olhar de Castro Alves: ensaios críticos de literatura baiana*. Salvador: ALB/ALBA, 2008. (Organizado por: Aleilton Fonseca).
17. *O pêndulo de Euclides*. (Romance). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
18. *Todas as guerras* (Contos, livro coletivo). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
19. *Cantos e recantos da cidade: vozes do lirismo urbano*. Itabuna: Via Litterarum, 2009.
20. *A mulher dos sonhos e outras histórias de humor*. Itabuna: Via Litterarum, 2010.
21. *O desterro dos mortos*. (Contos). 2. ed. Itabuna: Via Litterarum, 2010. (3. ed. 2012).

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

Na sequência, suas publicações mais recentes:

22. *Memorial dos corpos sutis* (novela). Salvador: Caramurê, 2012.
23. *As marcas da cidade* (contos). Salvador: Caramurê, 2012.
24. *Sosígenes Costa. Melhores poemas*. São Paulo: Global, 2012. (Seleção e organização Aleilton Fonseca)
25. *Um rio nos olhos / Une rivière dans les yeux*. Ilhéus: Mondrongo, 2012 (trad. Dominique Stoenesco).
26. *Jorge Amado nos terreiros da ficção* (ensaios). Itabuna: Via Litterarum; Salvador: Casa de Palavras/FCJA, 2012. (Org. Myriam Fraga, Aleilton Fonseca, Evelina Hoisel)
27. *La femme de rêve*. Montreal, Canadá: Marcel Broquet, 2013.
28. Jorge Amado; cem anos escrevendo o Brasil (ensaios). Salvador: Casa de Palavras/FCJA, 2013. (Org. Myriam Fraga, Aleilton Fonseca, Evelina Hoisel)
29. *Un río en los ojos*. New Orleans. LA. USA. University Press of the South, 2013. (trd. Alain Saint-Saës).
30. Jorge Amado. Cacau: a volta ao mundo em 80 anos. Salvador: Casa de Palavras/ FCJA, 2014. (Org. Myriam Fraga, Aleilton Fonseca, Evelina Hoisel)

### **3. O romance *Nhô Guimarães***

A obra *Nhô Guimarães* pode é um texto escrito em prosa, uma narrativa que traz em seu contexto principal uma homenagem ao escritor João Guimarães Rosa, no cinquentenário de *Grande Sertão: Veredas*. É um romance audacioso, completo e independente, pois transcende a homenagem e ganha vida própria. Aleilton Fonseca trabalha a linguagem de forma imaginativa e cria uma personagem que, ao narrar histórias e “causos” em boa parte inspirados no imaginário popular brasileiro e no vasto universo rosiano, relembra seu velho amigo Nhô Guimarães. (SANTOS, 2011, p. 133)

Aleilton Fonseca consegue, especialmente na linguagem, recriar Guimarães Rosa. Ele cria uma narradora sertaneja que integra inteiramente o universo rosiano. O autor tem um estilo peculiar, próprio e característico. Sua linguagem tem muito do perfil de Guimarães Rosa, mas

não faz uma imitação. O que ambas têm em comum é a grande naturalidade, a sensação de que as palavras surgem da alma brasileira. Só assim é possível explicar porque palavras não encontradas no nosso dia-a-dia parecem ter sempre existido, são imediatamente compreendidas como se representassem um mundo que temos em comum; quase que uma meta-linguagem radicada no inconsciente da coletividade.

No livro, o autor relata a vida de uma personagem sertaneja, uma mulher de idade avançada, simples, do interior, que conta histórias que vivenciou ou ouviu de outras pessoas. Ela, uma senhora muito astuta, esparta e vivida, se define da seguinte forma:

O senhor veja: estou na casa dos oitenta. Nessa idade, vou vivendo sem passar precisão. Nas terras ao redor, pouquinhos, porém dadivosas, planto e colho de um tudo o pouco que preciso para o meu sustento. [...] O senhor veja: sou uma velha arrumada, vivo em paz no meu sossego. Sei me cuidar. (FONSECA, 2006, p. 5)

Toda narrativa começa quando, confundido com um certo Nhô Guimarães, o tal “senhor” para e ouve as histórias da tão receptiva e animada octogenária.

– Nhô Guimarães, o senhor por aqui? Há quanto tempo! Ah, não. Nsh, nsh! Não é ele, não. Mas, quem é o senhor? Apeie, chegue à frente, a casa é nossa. Entre, que lhe dou uns goles de água fresca. [...] Estes caminhos andam numa poeira danada, essa secura, sem chuvas. Isto é o sertão. (FONSECA, 2006, p. 11)

É um livro de 176 páginas, que teve sua primeira edição em 2006, pela editora Bertrand Brasil. O romance é dividido em 36 capítulos e, apesar de haver um “causo” em cada um deles (à exceção do primeiro e último capítulos), há uma ligação entre todos. Essa liga, esse laço, é justamente a amizade da personagem octogenária e do seu falecido marido com Nhô Guimarães e a esperança que ela tem de ainda poder encontrar, ao menos uma última vez, com Nhô Guimarães e com o filho que se perdera na cidade. (SANTOS, 2011, p. 134)

“Aleilton Fonseca resgata uma prosa cheia de beleza, cuja oralidade passa por um apuro formal que lhe filtra os cacoetes e excessos”, é o que escreve Antônio Torres nas orelhas do livro *Nhô Guimarães* (2006). Acrescenta também que faz esse resgate sem abdicar do colorido, do ritmo e sabor das conversas num varandado ou ao pé do fogão, para espantar o medo das assombrações, ou se livrar das más lembranças. Afirma ainda que Aleilton Fonseca nos prende a uma narrativa construída por atalhos, ao modo sertanejo, e nos remete às origens de um univer-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

so real que se tornou lendário, e faz isso com muita imaginação. Em entrevista<sup>12</sup> o escritor Aleilton Fonseca define o romance da seguinte forma

Trata-se de um romance formado por um conjunto de histórias encaixadas. O teórico Tzvetan Todorov fala dessa técnica do encaixe. *Nhô Guimarães* é um romance multifacetado, com uma história de base (a vida da personagem em família, e seus encontros com Nhô Guimarães), que aglutina a narrativa como um todo. A essa história de fundo agregam-se as diversas histórias menores, que se encaixam passo a passo na cadeia narrativa. O texto era inicialmente um conto, publicado em 2001. Mas senti que a história tinha muito mais fôlego para se desenvolver. Então segmentei o conto em partes significativas, entremeando-as em seguida com sequências de histórias menores, que compõem o universo narrativo e traduzem o imaginário da personagem, ou seja, parte do imaginário do sertão.

Nesse entrelace de histórias e causos, e linguagem acessível, é uma obra que se destina tanto aos principiantes quanto aos mais experientes na obra de Guimarães Rosa. *Nhô Guimarães* de Aleilton Fonseca é um romance-homenagem que segue seu próprio rumo, apresentando uma nova roupagem para o imaginário sertanejo, pois conta o sertão através de uma voz feminina que dita o sertão de seu terreiro.

#### 4. *O autor, o leitor e o escritor*

Na época em que os escribas frequentemente alteravam os textos que transcreviam e copiavam, a separação entre autores e leitores não era tão significativa. Sto. Tomás de Aquino e Sto. Agostinho afirmavam que não eram autores, mas realizadores da palavra de Deus, ou seja, suas obras não lhe conferiam a autoridade sobre elas.

O tempo passou e os autores “profanos” que não tinham essa mesma relação com a palavra divina, assumiram também, o papel de criadores. No entanto, sua autoridade provinha das próprias histórias que compunham. Tudo aquilo que contavam, suas palavras e histórias criadas, serviam para avaliar sua individualidade e reconhecimento. O texto impresso distanciava um pouco o autor de seu leitor, tornando suas palavras dificilmente contestáveis ou passíveis de alteração. A cópia impressa, graças à sua simplicidade visual e a garantia de reprodução, estendia e ampliava a autoridade adquirida, assim, também como a organização e efetivação de um mercado editorial que em tudo concorriam para fortalecê-la.

---

<sup>12</sup> Entrevista feita por e-mail com Aleilton Fonseca no dia 28 de novembro de 2011.



Na perspectiva da atualidade, os autores contemporâneos trabalham mais diretamente com seus textos, sem tantas interferências externas, o papel dos copistas sai de cena e os manuscritos se caracterizam mais convictamente como autógrafos. Mesmo com essa convicção e tendo acesso a muitos escritores que estão em plena atividade de produção textual, podendo inclusive questioná-los sobre dúvidas em relação aos manuscritos ou interferências de terceiros que tenham ocorrido, ainda assim, um manuscrito considerado autógrafo, como no caso do conjunto dos testemunhos de *Nhô Guimarães*, pode apresentar muitos sujeitos que falam, como por exemplo: o autor, o escritor, o autor-implícito e o narrador.

Segundo Maria Célia Leonel (2000, p. 67), é necessário considerar inicialmente o escritor, a pessoa humana, entidade complexa que envolve também o universo não-linguístico e que pouco foi investigado pelas teorias da literatura. Philippe Willemart (1988), especialista no campo da crítica genética, quando fala de manuscritos, logo faz separação entre autor e escritor. O escritor é a instância mais próxima da mão, do corpo e da pulsão de escrever, que tem família, bens e um nome no cartório.

O escritor se caracteriza pela pessoa física, psíquica e o autor é o escritor que muda de lugar, é como um personagem que o sujeito-escritor assume nos documentos de sua escritura, este utiliza a língua intencionalmente para alcançar seus objetivos no texto, manipula a linguagem com sabedoria. De acordo com Silviano Santiago (2004, p. 245), escrever é a possibilidade de um escritor ser vários outros personagens construídos pelo traçado da mão, pelo tipo de uma máquina de escrever, ou na contemporaneidade, pelas teclas de um computador. Através da escrita, ocorre a condição de construir outras faces e formas de estar no mundo.

O autor-implícito é responsável pelos movimentos do narrador, pelos acontecimentos que ele narra, pelas personagens, pelo tempo e espaço dos fatos narrados. Há, portanto, uma instância “atrás” do narrador. (LEONEL, 2000).

O narrador, por sua vez, que também é um dos sujeitos da fala, que é constituído pelo discurso e no discurso, é um sujeito textual. Da fala desse sujeito, nascem outras categorias como a do tempo, do espaço e naturalmente a das personagens. É esse narrador que decide sobre os acontecimentos na forma de diálogos ou monólogos. (LEONEL, 2000). O autor literário aliena seu eu e se oculta atrás do narrador. Todas essas reflexões intencionam na “verdade” retirar um pouco da responsabilidade

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

de produção, priorizando mais o texto que é a essência da escritura. Eduardo Silva Dantas de Matos (2011, f. 23) reforça a discussão afirmando que,

O que temos, quando caminhamos pelos papéis de um escritor, são apenas pegadas de uma ausência. O autor não está mais ali e já não pode responder por aquilo que em certos momentos produziu, o que resta são marcas de uma passagem, de uma encenação e construção. O trabalho com os manuscritos, os documentos que atestam e testemunham o processo de feitura de um determinado objeto cultural, é, desta forma, o trabalho de alguém que segue os passos de um outro que já ali não está, mas que se deixou flagrar em seu processo de feitura e produção não como uma entidade responsável e senhora do dizer, mas como uma produção social e historicamente marcada, posicionada, inscrita.

Em *Nhô Guimarães* é possível visualizar alguns desses “seres responsáveis” ou personagens que permeiam a construção do texto literário. A narradora, que é a que mais aparentemente se revela, nos mostra através da linguagem e de suas falas bem elaboradas um pouco das marcas dos sujeitos que produzem o texto. Tomando como princípio o conceito de escritor, elaborado por Philippe Willemart (1988), que afirma que o escritor é aquela pessoa física, o que está mais próximo da mão, do fazer literário, o indivíduo que tem família, encontramos na fala da narradora um trecho que autorrevela a presença do escritor, sua visão de vida e aquilo que caracteriza a atual atividade profissional de Aleilton Fonseca, professor universitário que está constantemente envolvido com a produção escrita, a pesquisa, a leitura, os livros. A narradora representa, nesse momento, vivências da vida do escritor que se mostram através dela

Veja lá, ao fundo, na peça velha, uns quantos livros que guardo. Aqueles já li, reli, tresli. Se o senhor me ouve merece uns conselhos. Se por acaso desses viveres não leu muitos livros, comece assim que puder. Não precisa ler por fé, mas pelo simples dom das histórias. Ler, escrever e contar é a riqueza que se deve a um filho neste mundo. (FONSECA, 2006, p. 13)

Nesse trecho do romance, essa voz narrativa é quase que uma transfiguração da imagem e da voz do escritor, pois expressa seu zelo pelos livros, e inclusive suas repetidas leituras, o que representa bem a atividade de pesquisas, ler, reler, “tresler”. No caso de Aleilton Fonseca essas leituras o levam ainda ao dom de contar histórias e demonstra que através da leitura o escritor adquire também a habilidade para narrar e contar causos. As expressões dessa citação nos levam à voz de Aleilton Fonseca enquanto professor, quando incentiva à leitura dizendo que se alguém não tem essa prática que comece o mais rápido possível, pois a

leitura, a escrita o contar (narrar), são a herança mais preciosa que se pode deixar para um filho.

Na multiplicidade de personagens que o escritor pode representar, seja como autor ou mesmo narrador, o que se constata é que através do trabalho com o dossiê genético de um escritor, esses personagens desaparecem, restando apenas as marcas deixadas no processo de escritura de uma obra literária, rastros que testemunham o viés que conduz à construção do texto, que deve ser sempre o objeto central de uma análise crítica.

### **5. O labor da escritura e as vozes do texto**

O processo da escrita é uma atividade intensa e constante para a maioria dos escritores. Todo escritor que prioriza a qualidade em suas produções textuais é também um leitor, e nessa prática, a reflexão interna e a autocrítica são aspectos que surgem com muita naturalidade. Para que um escritor decida dar uma obra por acabada, é necessário frear determinados pensamentos e estabelecer limites para a objetivação de cada texto.

Essa tarefa de seleção daquilo que se escreve não é fácil, pois sendo um disseminador de conhecimento e ideias, se vê, em muitas circunstâncias, obrigado a ter que fazer determinadas escolhas sobre aquilo que realmente gostaria de deixar registrado. Quando se lida com palavras, esse conflito se torna ainda maior e mais significativo, pois um registro pode deixar marcas eternas na vida de um escritor. A seguir um comentário do próprio Aleilton Fonseca sobre o labor do escritor ao produzir seus textos.

O trabalho da escrita, todos sabem é árduo, o pendor que o escritor tem para lidar com as palavras é também o seu labor. Porque ele precisa intuir, ele parte de uma ideia, ele consegue uma linguagem, mas nada vem pronto, é preciso trabalhar muito e de fato é preciso elaborar, escrever, apagar, reescrever, pesquisar, não deixar que o lado erudito da formação do escritor interfira na linguagem das personagens, muitas vezes a gente acaba colocando na boca do personagem uma frase, uma palavra que na verdade não são da personagem, mas sim do autor, então é preciso escrever e escrever, é preciso dar autenticidade, por assim dizer, ainda que intencionalmente à linguagem de cada personagem.<sup>13</sup>

Para o crítico textual, esse trabalho de escrever, apagar e reescrever é a maior representação desse labor da atividade de escritura de uma

---

<sup>13</sup> Entrevista realizada com o escritor em 17 de junho de 2010. As respostas foram gravadas em câmera digital e transcritas para um arquivo Word.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

obra, dessa tarefa tão importante para o desenvolvimento cultural e intelectual de uma sociedade.

Quando um escritor começa a escrever e publicar suas obras, começa também a traçar seu perfil como autor e a revelar-se através de seus textos. Ao longo do tempo passa a se tornar alvo de críticas e de comentários. Cada escritor estabelece, através dos seus escritos, um estilo e uma dinâmica para suas produções. Segundo Michel Foucault (1992, p. 34), “[...] o autor não marca a escrita como resultado, mas a domina como prática”. A função autor é, então, entendida como “[...] característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1992, p. 46). Logo, o autor pode ser definido como o ser que se apodera e manipula intencionalmente a linguagem para atingir seus objetivos com o texto. No entanto, esse poder de manipulação não o transforma numa voz soberana e única no texto, outras vozes dialogam do processo de escritura: as leituras que fez, as vivências, o que ouviu, o que viu, e também os registros críticos que podem aparecer nos manuscritos de uma obra. Todos esses aspectos corroboram no compartilhamento da função autor.

No que tange à obra literária, a função autor desempenha papel relevante. Não se trata de atribuir um discurso a um indivíduo, mas a uma “[...] operação complexa que constrói um certo ser racional a que chamamos autor”. (FOUCAULT, 1992, p. 50)

Quanto à produção dos textos, alguns escritores estabelecem determinados critérios para seus escritos. Muitos guardam e arquivam tudo aquilo que escrevem, pensando que no futuro poderão ceder esses rascunhos ou testemunhos para que os críticos textuais ou genéticos realizem um trabalho de análise do processo de escritura de uma obra que foi publicada. De acordo com Reinaldo Marques (2003, p. 149), “[...] arquivando, o escritor deseja escrever o livro de sua própria vida, da sua formação intelectual; quer testemunhar, se insurgir contra a ordem das coisas, afirmando o valor cultural dos arquivos”. Outros escritores preferem não guardar o que antecedeu à publicação, mas não se importam, no caso dos escritores vivos, que as várias edições da obra sejam analisadas pelos críticos textuais ou genéticos. Na perspectiva da crítica textual e da crítica genética, perceber essas preferências dos escritores e o que fazem com os arquivos literários que produzem é também perceber os caminhos que percorrem, quando estes conservam as versões de seu processo de criação.

No caso do escritor Aleilton Fonseca, foi possível observar e confirmar várias práticas referentes aos seus escritos. Uma delas é que o escritor preserva e arquiva tudo que escreve, por ser da contemporaneidade, registra seu processo de criação em meio digital, arquiva tudo no computador. Além dos arquivos digitais, faz impressões e encadernações, pois afirma que sente satisfação ao ver a palavra impressa e que também faz correções nesses textos, como no caso das versões de *Nhô Guimarães*. Em entrevista, o escritor revela porque faz isso e porque acredita ser importante esse arquivamento.

Como todos sabem, os escritores escreviam à mão e passavam a limpo, tinham seus cadernos, até chegar à forma final, que entregava ao editor e muitas vezes esses cadernos ou se perdiam, ou eram jogados fora, ou alguns eram guardados e hoje são relíquias, são documentos de arquivos. Hoje na era digital, nós (escritores) geralmente trabalhamos em computador, então o risco da perda desse trabalho de passagem, de mudança, de se perder, é muito grande, há um risco realmente. [...] No meu caso, eu gosto de registrar, talvez pela consciência de professor de Literatura que sou e de pesquisador, eu sei que tem uma importância, tem uma importância pra mim, tem uma importância eventual para quem se dedica a esse tipo de pesquisa, então eu preservo. Eu gosto da ideia de guardar, então eu salvo os arquivos, e vou modificando e vou guardando aqueles anteriores, agora, eu costumo imprimir, porque não é só a leitura na tela que revela o estado do texto, é preciso colocar os olhos sobre o que está escrito e impresso, é preciso fazer essa leitura, ver as palavras impressas, então geralmente eu imprimo cada versão, leio, corrijo a mão, anoto, volto ao computador, aí salvo num novo documento e aí faço as modificações. Tenho consciência da importância que estes testemunhos podem ter para aqueles que se dedicam à pesquisa da crítica literária, da crítica genética e da crítica textual.<sup>14</sup>

Tal afirmação nos apresenta um vislumbre da prática do escritor e nos mostra também a maneira como lida com seus escritos e a consciência que tem da importância do trabalho dos críticos literários, textuais e genéticos para a divulgação desse processo de escritura das obras literárias. Aleilton Fonseca descreve inicialmente em sua fala um pequeno percurso histórico que se remonta através da perspectiva de escrita do passado e como esse processo acontece hoje. Demonstra com seus comentários que é extremamente importante que esse material que antecede à publicação seja guardado e disponibilizado para pesquisa, com a era digital isso se torna ainda mais fácil.

Vale ressaltar também a consciência que o escritor tem das relações interdisciplinares exigidas em um trabalho de análise textual, essa

---

<sup>14</sup> Trecho da entrevista com Aleilton Fonseca, realizada no dia 17 de junho de 2010.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ligação entre as ciências da crítica literária, textual e genética, demonstrando assim que a atividade conjunta nessas áreas pode favorecer à qualidade e excelência dos trabalhos científicos feitos pelos pesquisadores na atualidade, utilizando, todavia, o princípio de adequação metodológica. O escritor discorre ainda sobre suas práticas de escritura e correção, como imprime, faz correções à mão e depois volta a fazer novas impressões e por fim últimas modificações, demonstrando assim o labor da escritura e alguns mecanismos do seu processo de criação.

Muitos escritores estabelecem hábitos e padrões de comportamento quando estão em processo de escritura. Alguns escrevem e não gostam de divulgar seus rascunhos, outros guardam e disponibilizam para estudo e pesquisa, e alguns inclusive gostam de ouvir opiniões de leitores-críticos antes de publicarem suas obras. Aleilton Fonseca no processo de criação de seus textos costuma submeter suas produções, antes de publicar, a leitores-críticos, escritores, jornalistas, críticos literários, membros da Academia de Letras da Bahia (ALB), pessoas de sua confiança e que também tem se destacado no cenário da literatura. Em entrevista cedida a Lima Trindade, o escritor fala um pouco sobre esse hábito que tem de submeter seus textos a leitores-críticos e sobre a criação literária

Lima Trindade – Considera que tem mais facilidade para um gênero específico? Quais são os seus hábitos para escrever? Eles se modificam de um livro para outro, de um gênero para outro?

Aleilton – Na criação literária não existe facilidade nem para se colocar ou tirar uma vírgula. Escrever é um processo difícil, no qual ideias, palavras, textos, correções, cortes, tudo ocorre e convive simultaneamente, como um desafio à paciência e à capacidade do escritor. Eu vivo tendo ideias que vêm e vão, umas persistem e outras somem ou se adiam. Nem todas as ideias se concretizam em texto. Cada escritor tem seu método, mas cada livro também impõe sua regra e sua medida. Levei 5 anos para concluir a transformação do conto “Nhô Guimarães” em romance, após submetê-lo à leitura de cerca de 5 leitores críticos. Levei um mês para desenvolver o romance *O Pêndulo de Euclides*, e mais quatro meses relendo e reescrevendo os originais, após conferir e compulsar as leituras, as críticas e as sugestões de quatro amigos escritores: Carlos Ribeiro, Gerana Damulakis, Gláucia Lemos e, principalmente, o poeta Luis Antonio Cajazeira Ramos, que leu em voz alta cada frase dos originais e me fez diversas sugestões. Leitores críticos ajudam muito, pois antevêm questões que o autor pode analisar e sobre as quais pode refletir, antes de dar a obra por concluída. (TRINDADE, 2011, *on line*)

Antes da publicação em 2006, as versões de *Nhô Guimarães* foram lidas por Carlos Ribeiro, escritor e membro da ALB, Gerana Damulakis, Gláucia Lemos, Jerusa Pires Ferreira e Maria Lúcia Martins. As duas últimas escritoras foram um pouco mais além. Jerusa Pires Ferreira

leu e marcou um encontro com o escritor para discutir aspectos que poderiam ser modificados e também sugeriu verbalmente algumas alterações no texto.

Por e-mail foi enviado ao escritor Aleilton Fonseca um questionário com algumas perguntas sobre o processo de criação em *Nhô Guimarães*. Dentro dessas perguntas se fez um questionamento sobre o agradecimento direcionado a Jerusa Pires Ferreira e a Maria Lúcia Martins na nota do autor de *Nhô Guimarães*, onde diz: "Agradeço especialmente a Maria Lúcia Martins e a Jerusa Pires Ferreira, que leram e anotaram os originais com sugestões que contribuíram decisivamente para algumas das soluções da versão final". (FONSECA, 2006, p. 174)

Nesse agradecimento tinha-se a impressão de que as duas escritoras haviam feito anotações manuscritas nas versões de *Nhô Guimarães*. Em conversa informal, no dia 21/12/2011, o escritor esclareceu dizendo que no caso de Jerusa Pires Ferreira, ela não chegou a fazer anotações, mas conversou com ele pessoalmente e sugeriu algumas mudanças significativas para a redação final do romance. A seguir a resposta do escritor sobre essa questão enviada por e-mail:

Adna:

Jerusa leu os originais e me chamou para conversar. Admirada, ressaltou o valor do texto, a pertinência das narrativas na cultura popular. E disse que eu deveria publicar imediatamente.

Um abraço.

Aleilton

No caso de Maria Lúcia Martins, além de ler, fez anotações manuscritas a lápis no texto. As observações e sugestões feitas por ela estão registradas na versão C que foi nomeado de VC. Muitas dessas sugestões foram descartadas, outras, no entanto, acatadas pelo escritor, e algumas ainda foram acatadas parcialmente. Essas alterações e opiniões tiveram papel significativo na configuração do texto final.

## **6. Considerações finais**

Através desse estudo, identificam-se, portanto, as marcas deixadas no texto de *Nhô Guimarães*, que contribuem para a identificação da construção de uma escrita de si e discussão de questões autorais através

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

do processo criativo de Aleilton Fonseca que é fomentado por meio da produção textual.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FONSECA, Aleilton. *Nhô Guimarães*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad.: Antonio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.

LEONEL, Maria Célia. *Guimarães Rosa*: Magma e gênese da obra. São Paulo: UNESP, 2000.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003, p.141-156.

MATOS, Eduardo Silva Dantas de. *Os manuscritos de Cândido ou O otimismo, uma adaptação de Cleise Mendes: leituras do processo de criação e proposta de edição genética*. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura). – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTIAGO, Silviano. Epílogo em primeira pessoa: eu e as galinhas-d'angola. In: \_\_\_\_\_. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SANTOS, Adna Evangelista Couto dos. *Nhô Guimarães*: proposta de edição crítica da obra de Aleilton Fonseca. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro. (Org.). *Ensaio de crítica textual acerca de autores baianos*. Salvador: Quarteto, 2011.

TRINDADE, Lima. *A literatura é de grande utilidade pública*. Disponível em: <<http://aleilton.blogspot.com/p/bibliografia.html>>. Acesso em: 26-11-2011.

WILLEMART, Philippe. Conceitos de manuscritologia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5/2/1988. Folhetim.